

Temer assume a Presidência

Interinidade no Planalto vai durar quatro dias

Maria Lima

● BRASÍLIA. Equilibrando-se para não escorregar em cascas de banana lançadas por adversários e sem um partido unido para lhe dar sustentação, o presidente da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP), tenta manter boas relações com o Planalto e um relacionamento democrático com a oposição, defendendo decisões regimentais que às vezes contrariam a orientação governista. Criticado por seu estilo formal, Temer chega esta semana ao cargo mais cobiçado da República: por quatro dias, a partir de hoje, será o presidente no lugar de Fernando Henrique, que estará na Suíça. O vice Marco Maciel também estará fora do país, num circuito por países da América Latina.

Tímido, contido, discreto e pouco ousado politicamente. Esses são adjetivos usados sobre o desempenho de Temer na presidência da Câmara. Para os aliados, a maior dificuldade, des-

de que assumiu o cargo, é a inevitável comparação com o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA). Com estilos opostos, os dois travam uma espécie de guerra fria, em que Temer é o lado mais fraco.

Ele tem reclamado das pressões. Além da sombra de Antônio Carlos, sua gestão é sempre comparada à do antecessor Luis Eduardo Magalhães (PFL-BA), filho do senador baiano. Temer admite que vê em pefelistas um certo movimento para dificultar seu trabalho. As desconfianças foram reforçadas no processo de cassação do deputado Pedrinho Abrão (PTB-GO) na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ). Os pefelistas lotaram a comissão para apoiar Abrão, que por pouco não foi absolvido.

— Estou sozinho, não tenho pai nem um partido coeso para me respaldar. O PFL faz tudo para atraparilhar minha gestão como presidente da Câmara — desabafou Temer depois do episódio Pedrinho Abrão.